



FACULDADES
ASMEC
OURO FINO - MG

CURSO DE PSICOLOGIA DAS FACULDADES INTEGRADAS ASMEC

RELIGIÃO E SENTIMENTO DE CULPA NA OBRA DE FREUD



FRANCISCO DE REZENDE SÁBER

RELIGIÃO E SENTIMENTO DE CULPA NA OBRA DE FREUD

Artigo científico apresentado no Curso de Bacharelado em Psicologia das Faculdades Integradas ASMEC, de Ouro Fino, Minas Gerais, como requisito parcial para colação de grau.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto Couto de Souza

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

RELIGIÃO E SENTIMENTO DE CULPA NA OBRA DE FREUD

Aluno¹, Francisco de Rezende Sáber

Orientador², Prof. Dr. Fábio Roberto Couto de Souza

RESUMO

Este artigo visa, a partir dos textos “Totem e tabu” (1913), “O futuro de uma ilusão” (1926), “O mal-estar na cultura” (1930 [1929]) e “Moisés e o monoteísmo” (1938), abordar as origens da religião e do sentimento de culpa, bem como investigar a relação existentes entre aludidos temas. Apresenta-se a opinião de Freud a respeito da origem da religião e sua influência na cultura, justificando a função da religião como resposta frente ao desamparo. Quanto à culpa, apresenta-se a compreensão de Freud de que o preço que se paga pela civilização é a perda da felicidade, vez que, a partir do medo da perda do amor e do temor ao desamparo, o indivíduo deixa de realizar todos os seus desejos e se submete às normas sociais, às quais, caso as desobedeça, geram sanções pelo superego por meio do sentimento de culpa. Demonstra-se, ainda, a relação existente entre religião e culpa, na medida que, somente a partir do sentimento de culpa decorrente do assassinato do pai primevo é que surgiu a religião.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Culpa. Freud. Psicanálise.

¹ Aluno do 10º período do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas Asmec - Ouro Fino

² Doutor em Educação, Conhecimento e Sociedade pela Universidade do Vale do Sapucaí.
Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Sapucaí.

ABSTRACT

This article aims, on the basis of the texts "Totem and Taboo" (1913), "The Future of an Illusion" (1926), "Civilization and Its Discontents" (1930 [1929]) and "Moses and Monotheism" (1938), to discuss the origins of religion and the feeling of guilt, as well as to investigate the relationship between these themes. Freud's opinion about the origin of religion and its influence in culture is presented, justifying the function of religion as a response to helplessness. As for guilt, it is presented Freud's understanding that the price paid for civilization is the loss of happiness, since from the fear of loss of love and fear of helplessness, the individual stops realizing all their desires and submits to social norms, which, if disobeyed, generate sanctions by the superego through the sense of guilt. It is also demonstrated the relationship between religion and guilt, to the extent that only from the feeling of guilt resulting from the murder of the primal father that religion arose.

KEYWORDS: Religion. Guilt. Freud. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 REVISÃO TEÓRICA	09
2.1 A RELIGIÃO NA OBRA DE FREUD	09
2.2 O SENTIMENTO DE CULPA NA OBRA DE FREUD	17
2.3 RELAÇÃO ENTRE SENTIMENTO DE CULPA E RELIGIÃO	20
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo destina-se a percorrer alguns textos de Freud que abordam os temas religião e culpa. No que diz respeito à religião, Freud aborda o tema em diversas etapas de sua vida, alterando sua percepção a respeito dele à medida que se aprofunda cada vez mais na seara das manifestações inconscientes. Já no que diz respeito à culpa, Freud a apresenta como algo onipresente e inexpiável, enfatizando o sentimento de culpa como uma relevante questão no avanço da civilização

Destarte, a partir de quatro textos basilares de Freud, a saber, “Totem e tabu” (1913), “O futuro de uma ilusão” (1926), “O mal-estar na cultura” (1930 [1929]) e “Moisés e o monoteísmo” (1938), e também com fundamento em livros e artigos científicos de abordagem psicanalítica, pretende-se abordar os temas religião e culpa, apresentando suas origens e buscar eventual relação entre ambos os conceitos.

Portanto, o objetivo geral deste artigo é perquirir as origens da religião e culpa, bem como estabelecer a relação entre ambos os conceitos, sempre a partir das obras freudianas e de outros autores que procuraram interpretar os escritos de Freud.

Quanto aos objetivos específicos, pretende-se a partir de três capítulos buscar as concepções de Freud a respeito de: as origens da religião; as procedências e implicações do sentimento de culpa; e a relação eventualmente existentes entre a religião e o sentimento de culpa.

Oportuno aduzir que se faz por demais relevante o tema em questão, posto que, são inúmeros os pacientes que comparecem aos consultórios psicológicos demandando a resolução de questões referentes à religião e a culpa a ela associadas. Assim, um conhecimento científico a respeito de culpa e religião é de fundamental importância ao psicólogo, de modo a possibilitar acolher as demandas dos pacientes e possibilitar a discussão e resolução de tais questões, com sólido saber amparado na psicologia e dissociado de preceitos divinos.

Com relação à metodologia utilizada, tratou-se de uma revisão bibliográfica, com consulta às obras indicadas no referencial constante no final deste artigo.

Deste modo, para o desenvolvimento do tema proposto, no capítulo "A religião na obra de Freud", buscou-se apresentar a concepção freudiana a respeito da origem da religião e sua influência na cultura, para tanto valendo-se de quatro de seus textos fundamentais, quais sejam, "Totem e tabu" (1913), "O futuro de uma ilusão" (1926), "O mal-estar na cultura" (1930 [1929]) e "Moisés e o Monoteísmo" (1938).

Já no capítulo "O sentimento de culpa na obra de Freud", buscou-se demonstrar que a culpa e a perda da felicidade correspondem aos custos exigidos do indivíduo pela civilização, assim a pessoa deixa de realizar seus desejos e se submete às normas sociais, às quais, caso as desobedeça, geram sanções pelo tirânico superego por meio do sentimento de culpa.

E por fim, no capítulo "Relação entre sentimento de culpa e religião", se apresentam as considerações de Freud a respeito da afinidade existente entre culpa e religião, e sua conclusão no sentido de que a religião se originou da culpa decorrente da morte do pai primevo, e que o respeito à memória do pai, inicialmente simbolizado no totem animal, e suas posteriores substituições até se consolidarem na concepção imaterial do Deus pai, seria o ponto em comum fundamental entre as religiões monoteístas.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 A RELIGIÃO NA OBRA DE FREUD

Em diversas de suas obras Sigmund Freud aborda a questão religiosa, sendo que, ao menos em quatro oportunidades apresenta mais enfaticamente a temática, quais sejam, nos textos “Totem e tabu” (1913), “O futuro de uma ilusão” (1926), “O mal-estar na cultura” (1930 [1929]) e “Moisés e o monoteísmo” (1938). Destarte, passamos a apresentar algumas concepções acerca da religiosidade constantes nos quatro textos citados.

A obra fundadora de Freud no que diz respeito à psicologia coletiva é “Totem e tabu”, a qual versa sobre a origem do sentimento religioso e sua relação com o assassinato do pai primevo, bem como a posterior instituição dos dois tabus a ele relacionados, quais sejam, a submissão à autoridade do pai e a proibição do incesto. Após o assassinato do pai, com o passar do tempo seu poder foi consolidado na figura do totem, dando origem à primeira forma de religião.

Conforme Pereira e Chaves (2016, p. 115), com o totemismo os filhos se reconciliaram com o pai, e de modo garantirem a manutenção do amor e proteção paterna, comprometem-se a não repetir o assassinato do genitor, simbolizado agora no animal totêmico. Destarte, concluem Pereira e Chaves (2016, p. 115), que para Freud, é nesse ato que funda a religião.

Assim, o respeito à memória do pai, agora simbolizado no totem animal, e suas posteriores substituições até se consolidarem na concepção imaterial do Deus pai, seria o ponto de origem das religiões monoteístas. Quanto ao sacrifício do totem e o ato de alimentar-se com sua carne, ou seja, o ritual da refeição totêmica, com o que buscavam representar o assassinato do pai e a incorporação de seu poder pelos membros da horda, encontramos correspondente ainda nos dias de hoje na comunhão cristã.

Assevera Coelho (2001, p. 40) que, para Freud, no cristianismo a morte de Cristo redime os filhos pelo assassinato do pai e lhes garante a possibilidade de ocupar o lugar deste. Destarte, através do ritual da eucaristia,

embora revivendo a experiência da morte do filho de Deus, os cristãos fazem as pazes com o pai e permanecem sob seu amparo.

Nesse contexto, percebe-se que há consonância entre Pereira, Chaves e Coelho quanto a relevância do mito do pai primitivo para a psicanálise, como forma de apresentar a origem da religião, bem como a posterior simbolização do pai sob a forma divina e derivação do sacrifício eucarístico de seu assassinato. Assim, a oferenda ainda hoje realizada busca expiar a morte mítica do pai há milênios praticada pela horda primitiva.

No trecho a seguir, Freud bem descreve o mito do assassinato do pai primevo por seus filhos:

Certo dia, os irmãos expulsos se reuniram, mataram o pai e o devoraram, e assim deram um fim à horda paterna. Unidos, eles ousaram e realizaram o que teria sido impossível ao indivíduo. (Talvez um progresso cultural, como a utilização de uma nova arma, tenha lhes dado a sensação de superioridade.) O fato de também devorarem o assassinado é algo óbvio para selvagens canibais. O violento pai primordial era certamente o modelo invejado e temido de cada membro do grupo de irmãos. Agora, no ato de devorá-lo, eles realizam a identificação com ele; cada um se apropria de uma parte da sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a comemoração desse ato memorável e criminoso com o qual tantas coisas tiveram o seu início, tais como as organizações sociais, as restrições morais e a religião. (FREUD, 1912/1913, p. 129-130).

Conforme as considerações de David (2003, p. 38-39), embora antropólogos e historiadores apontem erros e interpretações equivocadas de Freud em sua obra "Totem e tabu", esta é considerada uma das principais obras do autor. Para Lacan (apud David, 2003, p. 38-39), conforme descrito em seu Seminário 7, o único mito moderno é o pai primevo, o qual tem o gozo como referência, vez que priva os demais do acesso às mulheres da horda, e que nem mesmo após a sua morte os homens alcançam o gozo pleno. Destarte se percebe que o falo a ninguém pertence, vez que o homem já se encontra inserido na ordem simbólica e a castração obtida.

Prosseguindo, agora com relação à obra "Moisés e o monoteísmo", nela Freud tenta demonstrar como a religião desvela um saber esquecido acerca do povo judeu, e, em certo sentido, de toda a humanidade. A partir da origem etimológica do nome Moisés, Freud propõe a origem egípcia do personagem,

pelo que, então, a religião por ele apresentada ao povo judeu naturalmente seria egípcia, qual seja, o culto monoteísta proposto pelo faraó Akhenaten.

Para Moreira e Pinto (2012, p. 393-394), a partir das semelhanças entre a religião de Akhenaten e a mosaica, Freud constrói sua proposição de que Moisés pertencia à alta classe do Egito e, após a morte de seu faraó e insatisfeito com o retorno do politeísmo, uniu-se ao povo judeu e logo transmitiu-lhes essa religião. Algumas das coincidências entre essas religiões seria a existência de apenas um deus, a proibição de construções de sua imagem bem como de pronunciar o seu nome, e até mesmo o costume da circuncisão.

De fato o texto "Moises e o monoteísmo" continua a temática do pai primevo trazida em "Totem e tabu". Todavia, em "Moises e o monoteísmo" o personagem Moisés, que corresponderia a figura do pai primitivo, também é morto, porém substituído por um outro que assume sua posição, e com o passar do tempo atribuem-lhe também o mesmo nome e ambos se fundem em uma só figura. Deste modo se apresentava a religião monoteísta, onde Deus é o pai, até que, com a morte e ressurreição de Jesus, a religião do pai passou a ser a religião do filho. "Então, há também um que de verdade na ressurreição de Cristo, pois ele era [o Moisés ressuscitado e, por trás dele,] o pai primevo da horda primitiva retornado, transfigurado e, como filho, posto no lugar do pai" (FREUD, 1939 [1934-1938], p. 127).

Segundo Maciel e Rocha (2008, p. 749-750), Freud analisou o relato bíblico de Moisés tal qual fazia com os sonhos, buscando especialmente o conteúdo latente. Destarte, por condensação, o deus Javé corresponderia ao deus de Moisés, e por deslocamento, a culpa dos judeus pelo assassinato de Moisés foi atribuída a este próprio por ter desobedecido a Deus.

Assim, pela explanação de Maciel e Rocha, bem se pode compreender e acolher as afirmações de Moreira e Pinto, e especialmente as proposições freudianas quanto a sua concepção da história de Moisés, mesmo que eventualmente carente de fontes históricas. Aliás, é bom que se diga que a verdade histórica de Moisés é impossível ser aferida, devido às inegáveis deformações das versões ocorridas ao longo dos milênios, sendo que: "Nenhum historiador pode encarar a descrição bíblica de Moisés e do Êxodo como algo mais do que um piedoso fragmento de ficção imaginativa, que

moldou uma tradição remota em benefício de seus próprios intuítos tendenciosos" (FREUD, 1939 [1934-1938], p. 49).

Todavia, Freud se baseou em fontes antropológicas e históricas, entre outras para tirar suas conclusões. Por tal razão, por nós é apresentada uma outra fonte, a qual não consta da bibliografia dos textos acima referidos, mas se adapta com as conclusões de Freud. Desta forma, Coulanges (1864, p. 36) assevera que com relação a uma das primeiras formas de religião, se adoravam aos mortos da própria família, sendo que, com o passar do tempo, e já há diversos séculos a humanidade apenas passou a admitir o culto religioso com relação a um único deus, devendo a religião ser acessível a todas as pessoas, sem qualquer restrição. Com tais considerações as afirmativas de Coulanges se harmonizam com as proposições de Freud.

No trecho a seguir, Freud bem esclarece os motivos pelos quais entende que a religião mosaica possui origem no Egito:

Não devemos esquecer que Moisés foi não apenas o líder político dos judeus estabelecidos no Egito, mas também seu legislador e educador, forçando-os a se porem a serviço de uma nova religião, que até o dia de hoje é conhecida, por sua causa, como a religião mosaica. Mas, é tão fácil a um homem isolado criar uma nova religião? E se alguém quisesse influenciar a religião de outra pessoa, mais naturalmente não a converteria ele à sua própria? Decerto, de uma forma ou de outra, não faltava ao povo judeu no Egito uma religião, e se Moisés, que lhes forneceu uma nova, era egípcio, não se pode colocar de lado a suposição de que essa outra nova religião era a egípcia. (FREUD, 1939 [1934-1938], p. 28-29).

Ficou evidenciado, portanto, o quão relevante se tornou uma religião monoteísta, de origem egípcia, que influenciou todo o povo judeu e atribui-lhe o caráter que o distingue até os dias de hoje. E mais, a partir da religião do faraó Akhenaten, e conseqüentemente do judaísmo, originou-se a religião cristã e toda a sua tradição.

Quanto à obra "O futuro de uma ilusão", através dela Freud lança duras críticas ao pensamento religioso, tomando-o como uma ilusão amparada em profundos desejos da humanidade. O sentimento de desamparo que induz a criança se reconciliar com o pai é o mesmo sentimento de desamparo, agora prolongado, que a leva a buscar um Deus onipotente.

Conforme Bock, Furtado e Teixeira (2017, p. 50), no complexo de Édipo, após um período de desejar a mãe e rivalizar com pai, o filho finalmente acaba

se identificando com a figura paterna e assimilando a regras impostas por esta figura de autoridade sob a forma de superego. Assim, em razão de temer perder o amor e o amparo paterno, o filho deixa de desejar a mãe e, como internalizou as regras, pode efetivamente participar do mundo social.

Outrossim, assevera David (2003, p. 14), que Deus seria a imagem e representação do pai, buscado em razão da persistência do sentimento de desamparo iniciado na infância. Ocorre que a criança está sob égide do princípio do prazer, pelo que manter o adulto a reverência por essa imagem divina, sem se confrontar com a realidade, configuraria uma ilusão.

Destarte, o argumento psicanalítico principal do texto "O futuro de uma ilusão" reside na necessidade do sentimento religião depender suas crenças e cultos dos sentimentos de desamparo e vulnerabilidade humanas, face à finitude, fragilidade corporal e temor de agressão por seus pares.

Conforme Moreira e Pinto (2012, p. 391-392), a origem psicológica do sentimento religioso reside no sentimento de desamparo infantil, e explicam que a criança inicialmente possui uma relação ambivalente com o pai, de rivalidade e admiração, sendo que esta última acaba por prevalecer em razão da necessidade de segurança face ao sentimento de desamparo. Por sua vez, esse mesmo sentimento de desamparo continua presente ainda na idade adulta, vez que sua vida continua repleta de dificuldades e obstáculos. Assim, Deus vem ocupar esse lugar antes pertencente ao pai, e a religião simular uma defesa contra o desamparo.

Assim, tanto a partir das explicações de Bock, Furtado e Teixeira, quanto as de David, Moreira e Pinto, é possível concluir que a partir do sentimento de desamparo, inaugurado na infância, é que se origina o sentimento religioso, sendo que Deus vem a representar a figura do pai. Portanto, os ideais religiosos assumem tanta força porque "são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos" (FREUD, 1927, p. 107).

Maciel e Rocha (2008, p. 727-738) ponderam que, em "O futuro de uma ilusão", onde prevalece o discurso cientificista, ao serem analisadas pela perspectiva da razão, as verdades religiosas caem em suposto descrédito. Todavia, é inegável o fato de que a religião possui uma verdade histórica, embora diferente da verdade material da ciência, sendo que essa mesma

verdade histórica foi utilizada por Freud na obra "Totem e tabu", na reconstrução do mito do pai primevo.

Assim, inegável que as ideias religiosas possuem relevante sentido, pelo que Freud asseverou:

Qual é, então, a significação psicológica das idéias religiosas e sob que título devemos classificá-las? A pergunta de modo algum é fácil de ser imediatamente respondida. Após rejeitar uma série de formulações, nos fixaremos na que se segue. As idéias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença. Visto nos fornecerem informações sobre o que é mais importante e interessante para nós na vida, elas são particular e altamente prezadas. Quem quer que nada conheça a respeito delas é muito ignorante, e todos que as tenham acrescentado a seu conhecimento podem considerar-se muito mais ricos. (FREUD, 1927, p. 103).

Percebe-se, portanto, que apesar de Freud lançar críticas às ideias religiosas, concorda que elas possuem alto valor para a sociedade e para ele próprio, tanto que, sentia orgulho de sua tradição judaica e ocupou-se da questão religiosa em grande parte de sua obra.

Já em "O mal-estar na cultura", Freud reforça a função da religião como resposta frente ao desamparo, situando aí sua origem; caracteriza a religião como figura análoga a uma neurose universal, sendo que, seu caráter de ilusão se aproxima ao da fantasia; e também discorre a respeito das três fontes de sofrimento humano por ele consideradas, quais sejam, o próprio corpo, o mundo externo aqui representado principalmente pelas forças da natureza e, por último, as pessoas com as quais nos relacionamos.

Conforme discorrem Aranha e Martins (2016, p. 342), na obra "O mal-estar na cultura" Freud demonstra que a repressão dos instintos agressivos e sexuais exigido pela cultura, posto que necessários ao convívio social e à moralidade, são altamente autodestrutivos e comprometedores da felicidade. Destarte, a pessoa humana paga alto preço para civilizar-se.

Ocorre que, assim como a civilização, a religião também restringe escolhas e impõe modelos de comportamento, para tanto desvalorizando as coisas da vida, desfigurando o mundo e restringindo a inteligência. Destarte, dentre os caminhos propostos pela sociedade para encontrar a felicidade, e a religião se encontra entre eles, em nenhum se tem a certeza de alcançar tal meta.

Coelho (2001, p. 40) bem reforça a questão, aduzindo que a humanidade e sua cultura foram inaugurados a partir do recalque dos impulsos agressivos e sexuais, e que essa renúncia às pulsões gerava extremo mal-estar, posto que o recalque, apesar de impedir a satisfação integral dos impulsos, era incapaz de suprimí-los.

Destarte, restou evidenciado que a vida em sociedade exige a abolição de inúmeros instintos e pulsões, exigindo do ser humano a abdicação de sua natureza individual, sendo que, o preço que se paga para tanto é a própria felicidade. Neste ponto, a religião abona essa renúncia instintual, não ofertando em contraprestação qualquer garantia além da promessa de um adiamento do gozo, já que "a ética baseada na religião introduz suas promessas de uma vida melhor depois da morte" (FREUD, 1930 [1929], p. 183).

Kline (1988, p. 139) bem acrescenta que, na psicologia freudiana o ego deve se sobressair às demais estruturas, posto que é ela, através da razão, que distingue os humanos dos animais. Discorre ainda que há poderosas forças que, à ausência da razão, dominam os comportamentos e sentimentos humanos, sendo a religião uma delas, a qual se caracteriza por seus aspectos neuróticos e obsessivos, com suas regras e consequências demoníacas.

Assim, na busca pela felicidade e satisfações substitutivas, inúmeras pessoas se abrigam na religião, de maneira que:

Afirma-se, contudo, que cada um de nós se comporta, sob determinado aspecto, como um paranóico, corrige algum aspecto do mundo que lhe é insuportável pela elaboração de um desejo e introduz esse delírio na realidade. Concede-se especial importância ao caso em que a tentativa de obter uma certeza de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de um remodelamento delirante da realidade, é efetuada em comum por um considerável número de pessoas. As religiões da humanidade devem ser classificadas entre os delírios de massa desse tipo. É desnecessário dizer que todo aquele que partilha um delírio jamais o reconhece como tal. (FREUD, 1930 [1929], p. 73-74).

Perceba-se que as ideias religiosas, assim como as leis e normas sociais são importantes instrumentos de controle social, vez que coordenam a convivência entre as pessoas, prevendo sanções em caso de descumprimento. Ocorre que os órgãos de sanção externos ao sujeito, muitas vezes não conseguem coibir determinados comportamentos, todavia, a religião, assim como o superego, atua como um sancionador interno, do qual nada escapa,

pelo que muitas vezes o preceitos divinos previnem a ocorrência de situações que a lei dos homens dificilmente conteria.

Assim sendo, a partir do que foi abordado, mesmo que brevemente, dos textos “Totem e tabu” (1913), “O futuro de uma ilusão” (1926), “O mal-estar na cultura” (1930 [1929]) e “Moisés e o Monoteísmo” (1938), tentamos apresentar como Freud percebeu a origem da religião e sua influência na cultura. Por certo, não foi em nenhum momento nossa intenção agredir a fé religiosa, mas ao contrário disso, legitimar através da interpretação psicanalítica do fenômeno religioso a possibilidade do indivíduo crer ou não, a partir de razões psicologicamente híidas e honestas.

Por conseguinte, uma vez apresentada a concepção freudiana a respeito da religião, e, de maneira a tentar descobrir a eventual relação existente entre ela e a culpa, faz-se primeiramente necessário apresentar algumas considerações pertinentes a este último conceito, qual seja, o sentimento de culpa, conforme ponderações apresentadas por Freud em seus textos.

2.2 O SENTIMENTO DE CULPA NA OBRA DE FREUD

Ao abordar o tema do fenômeno religioso ao longo de sua obra, Freud o fez através de três temas, a saber, da obsessão, da ilusão e da culpa, sendo este último o objeto de discussão no presente capítulo. Adiantamos que, de forma bastante sucinta, a culpa corresponde ao tormento mental com o qual o superego aflige o indivíduo.

No texto "O mal-estar na cultura" (1930 [1929]) Freud elenca o sentimento de culpa como a questão mais relevante para o avanço da civilização, e acrescenta que "o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa" (FREUD, 1930 [1929], p. 164-165).

Segundo Pereira e Chaves (2016, p. 119-120), na infância, os indivíduos são orientados a acolherem as normas culturais, recalcando os ambivalentes sentimentos de amor e ódio parentais, pelo que são proibidos de satisfazerem todas as suas vontades, em benefício da coletividade, ou em termos psicanalíticos, abdicam do princípio do prazer pelo princípio da realidade. Que a partir de então o indivíduo passa a não mais sentir prazer com relação aos desejos que lhe foram proibidos culturalmente, e sim culpa, face à vigilância esmagadora do superego.

Percebe-se assim que a civilização exige uma renúncia de parcela dos desejos individuais, de forma a garantir manutenção dos interesses coletivos e a conservação da sociedade, posto que, evidentemente não seria possível a todos a satisfação indiscriminada de suas vontades. Ocorre que, da abdição dos desejos decorre um incômodo consistente na perda da felicidade e num constante sentimento de culpa.

Conforme entendimento de Kahn (2002, p. 158-159, 166), a culpa se manifesta de três formas, sendo elas: a culpa ruidosa, na qual o indivíduo prontamente a percebe em razão de algo que fez, disse ou pensou, e passa a se sentir péssimo por isso; a culpa reservada, na qual o indivíduo inconscientemente se pune e busca o fracasso em suas empreitadas, como forma de redução desse sentimento; e a culpa silenciosa, na qual os indivíduos por ela afetados, embora não se sintam culpados, se sentem pessoas ruins e

infelizes, sendo este o tipo mais comum de culpa, e também a mais destrutiva, por ser constante. A culpa silenciosa se dá quando o superego pune o indivíduo por um desejo proibido, o que se dá no domínio do inconsciente, pelo que referido tipo de culpa também assume a forma inconsciente.

Destarte, verifica-se que as proposições de Pereira e Chaves se harmonizam com as de Kahn, e mesmo se complementam, posto que afirmam que a partir das exigências culturais os indivíduos recalcam seus desejos, passando então a apresentar sentimento de culpa diante da mera possibilidade de transgressão. "Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição" (FREUD, 1930 [1929], p. 64).

Por sua vez Bolina (2019, p. 54) acrescenta que, para Freud o desenvolvimento social se fundamenta na renúncia da qual nunca vamos nos libertar, vez que para o desenvolvimento psíquico é necessário a passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade. Ocorre que a realidade é fonte de sofrimento, pelo que na neurose, o indivíduo busca se afastar da realidade. Deste modo, "descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe" (FREUD, 1930 [1929], p. 84).

Assim, Freud demonstra que a civilização exige do indivíduo o cumprimento de suas normas, e conta para tal desiderato com a colaboração do tirânico superego, que através da culpa sanciona o eventual transgressor:

Conhecemos, assim, duas origens do sentimento de culpa: uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso exige punição, de uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego. Aprendemos também o modo como a severidade do superego - as exigências da consciência - deve ser entendida. Trata-se simplesmente de uma continuação da severidade da autoridade externa, à qual sucedeu e que, em parte, substituiu. (FREUD, 1930 [1929], p. 152).

Compreende-se portanto que não basta ao indivíduo abdicar da realização de muitos de seus desejos, vez que a partir da internalização da fiscalização da normas exigidas pela cultura, um simples pensamento do sujeito relativo ao que lhe é proibido ou passível de punição já é sancionado pelo algoz superego, através de um tormentoso sentimento de culpa.

Portanto, restou evidenciado que, de fato, o preço que se paga pela civilização é uma grande parcela da felicidade, vez que, a partir do medo da perda do amor e do temor ao desamparo, o indivíduo deixa de realizar todos os seus desejos e se submete às normas sociais, às quais, caso as desobedeça, geram sanções pelo superego por meio do sentimento de culpa.

2.3 RELAÇÃO ENTRE SENTIMENTO DE CULPA E RELIGIÃO

Uma vez apresentados a questão religiosa e o sentimento de culpa, sempre sob o viés freudiano, faz-se oportuno traçar a relação existente entre referidos temas, ou seja, culpa e religião.

Conforme exposto por Garcia (2006, p. 02), a cultura exige do indivíduo a superação de metas, tais como a obtenção de emprego, aquisição de bens e mesmo o sentimento de felicidade, todavia, há uma dicotomia entre o que o indivíduo almejaria ser - Eu ideal - e o que ele de fato é - Eu real - pelo que decorre um sentimento de culpa pelos objetivos que ele não atingiu. Destarte, com relação ao sentimento religioso a culpa decorre do não cumprimento dos preceitos divinos, pelo que o indivíduo, tal como com relação às normas culturais, deve abdicar de seus desejos de modo a mitigar o sentimento de culpa e abrandar o medo de castigos infernais.

Assim, da mesma maneira como na vida em sociedade, em que o indivíduo necessita alcançar objetivos, para tanto realizando determinadas atividades e abdicando de outras, com relação à religiosidade a dinâmica seria a mesma, na medida em que também exige do sujeito sua submissão a certos preceitos e a realização de comportamentos correspondentes, assim como a abdicção de outros, sendo que o sentimento de culpa surge quando se acredita não se ter cumprido o papel que lhe era esperado.

Destarte, conforme asseveram Pereira e Chaves (2016, p. 121), se a religião se origina a partir da culpa pelo assassinato do pai primevo, e se essa mesma culpa, em termos sociais, é proveniente de um ódio de cada indivíduo pela humanidade, decorre que se pode fazer uma analogia entre a religião e a neurose universal, haja vista que seu caráter ilusório é em muito similar ao da fantasia.

Portanto, pelas ponderações de Garcia, Pereira e Chaves, é possível compreender o sentimento de culpa como um desconforto psicológico decorrente do descumprimento de uma pacto, desconforto esse que exige algo como forma de expiação. Assim sendo, é possível compreender que somente a partir do sentimento de culpa decorrente do assassinato do pai primevo é que surgiu a religião.

Na mesma linha de raciocínio Rinaldi (2001, p. 194) discorre que, o pecado original corresponde ao parricídio, ou o assassinato do pai primevo, do qual decorreu a organização da sociedade, o estabelecimento dos preceitos morais e religiosos, bem como a origem do sentimento de culpa sob a forma de remorso. Assim, da ambivalência de sentimentos em relação ao pai emanaram duas forças: uma corrente agressiva, que se manifestou através do parricídio, e uma corrente afetuosa, que emergiu com o remorso.

E assim, Freud arremata sua teoria a respeito do que considera o início da religião:

Primeiramente, a horda paterna foi substituída pelo clã de irmãos, assegurado pelo laço de sangue. A sociedade se apoiava agora na cumplicidade quanto ao crime cometido em comum; a religião, na consciência de culpa e no arrependimento relativos a ele; a moralidade, em parte nas necessidades dessa sociedade e, por outra parte, nas expiações exigidas pela consciência de culpa. (FREUD, 1912/1913, p. 213).

Perceba-se que a partir de um parricídio, Freud desenvolve seus argumentos que deságuam no surgimento da religião, bem como nos fundamentos da civilização e suas normas de conduta. Ademais, assim como a sociedade sanciona os transgressores de suas leis, também a religião prescreve punições aos seus crentes, caso descumpram algum preceito, sendo certo que, tanto a sociedade quanto a religião exercem poderoso controle social, pelo que são importantes instrumentos para assegurar a conformidade das condutas dos indivíduos, nos modelos e valores culturais instituídos.

Assim sendo, em sua obra Freud logrou demonstrar a relação existente entre culpa e religião, na medida em que concluiu que a religião se originou da culpa decorrente de um parricídio, e que o respeito à memória do pai, inicialmente simbolizado no totem animal, e suas posteriores substituições até se consolidarem na concepção imaterial do Deus pai, é o ponto em comum fundamental entre as religiões monoteístas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua obra Freud abordou a religião e a culpa em diversos momentos e de maneiras diversas.

Nos textos “Totem e tabu” (1913), “O futuro de uma ilusão” (1926), “O mal-estar na cultura” (1930 [1929]) e “Moisés e o Monoteísmo” (1938), Freud apresentou sua compreensão a respeito da origem da religião e sua influência na cultura, justificando a função da religião como resposta frente ao desamparo.

Com relação à culpa, Freud argumentou que o preço que se paga pela civilização é a perda de grande parcela da felicidade, vez que, a partir do medo da perda do amor e do temor ao desamparo, o indivíduo deixa de realizar todos os seus desejos e se submete às normas sociais, às quais, caso as desobedeça, geram sanções pelo superego por meio do sentimento de culpa.

Destarte, uma vez apresentadas as origens da religião e culpa, segundo os escritos de Freud e demonstrada a relação existente entre os dois temas, vez que, somente a partir do sentimento de culpa decorrente do assassinato do pai primevo é que surgiu a religião, encerramos o presente artigo, acreditando termos logrado êxito em alcançar nossos objetivos.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

BOLINA, Ingrid Galboni Silva. **O sentimento de culpa na obra O mal-estar na cultura** (1930). Revista da Graduação em Filosofia, v. 6, p. 51-58, 2019.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. O mal-estar atual da civilização. In: PEREZ, Urania T. (Org.). **Culpa**. 1.ed. São Paulo: Editora Escuta, 2001. p. 37-44.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga** (1864). Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DAVID, Sérgio Nazar. **Freud e a Religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu** (1912-1913). Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017.

_____. **O futuro de uma ilusão** (1927). In. Coleção Os pensadores. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril cultural, 1978.

_____. **O mal-estar na cultura** (1930 [1929]). Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017.

_____. **Moisés e o monoteísmo** (1939 [1934-1938]). In. Obras Completas, volume 19. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GARCIA, Deomara Cristina Damasceno. **Transgressões humanas: Pecado e sentimento de culpa**. O Portal dos Psicólogos, Website Português, 2006.

KAHN, Michael. **Freud básico**. 5.ed. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2002.

KLINE, Paul. **Psicologia e teoria freudianas: Uma introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

MACIEL, Karla Daniele de Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. **Dois discursos de Freud sobre a religião**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 729-754, set. 2008.

MOREIRA, Cláudia Maria Silva; PINTO, Jeferson Machado. **Para além da ilusão**: O real na crítica freudiana à religião. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 15, dez, 2012.

PEREIRA, Kylmer Sebastian de Carvalho; CHAVES, Wilson Camilo. **Freud e a religião**: A ilusão que conta uma verdade histórica. *Tempo psicanalítico*, v. 48, n.1, Rio de Janeiro, jun. 2016.

RINALDI, Doris. Culpa e angústia: algumas notas sobre a obra de Freud. In: PEREZ, Urania T. (Org.). **Culpa**. 1.ed. São Paulo: Editora Escuta, 2001. p. 193-200.